cultura.df@dabr.com.br
3214-1178/3214-1179
Editor: José Carlos Vieira
josecarlos.df@dabr.com.br

Correio Braziliense
Brasília, segunda-feira, 9 de novembro de 2026

Arquivo pessoal



Com a mãe na Suíça, o ex-integrante do Balão Mágico foi criado pelo pai

UMA *história* NADA CONVENCIONAL

» ISABELA BERROGAIN

A vida de Mike Biggs está longe de ser considerada ordinária. Ainda na infância, ele fez parte do fenômeno nacional Balão Mágico, ao lado de Simony, Tob e Jairzinho, na década de 1980. O convite para integrar o grupo infantil foi fruto das aparições que fez na televisão antes mesmo de se tornar um astro mirim, quando o pai, Ronald Biggs, um dos executores do "roubo do século", que ocorreu em Londres, em 1963, foi sequestrado para ser entregue às autoridades britânicas. Percalços ao longo do caminho e os apelos do filho em rede nacional, porém, fizeram com que o foragido retornasse ao Brasil, onde se tornou uma espécie de ícone pop. A história é contada em *Biggs by Biggs*, novo documentário do Universal+.

Ronald Biggs entrou para a história ao participar do roubo de R$ 2,6 milhões de libras — uma fortuna para a década de 1960 — durante a interceptação de um trem postal que seguia de Glasgow para Londres, na Inglaterra. Condenado a 30 anos de prisão, ele fugiu da penitenciária de Wandsworth em 1965, após 15 meses detido, e chegou ao Brasil em 1970, depois de passar por diferentes países como foragido. Em 1974, o nascimento de Mike, fruto do relacionamento com a então stripper Raimunda de Castro, foi o que garantiu a estadia no país.

Apesar de não precisar mais se esconder sob uma identidade falsa, Ronald enfrentaria um novo problema: ele não tinha permissão das autoridades brasileiras para trabalhar. Assim, viu na imprensa uma forma de sustento, vendendo a história do assalto em troca de dinheiro. Mike lembra de passar a infância recebendo repórteres e cinegrafistas dentro de casa, período que se estendeu à fase adulta — o pai chegou a participar até do antigo *Programa do Jô*, em 2000. "As pessoas não sabem o quão dura a vida foi para gente antes do Balão Mágico", revela o ex-astro mirim.

Segundo Mike, é comum que as pessoas acreditem que ele e Ronald sempre foram milionários devido ao assalto. "Eu nunca vi um centavo dessa grana", garante. "Meu pai não podia arrumar emprego, nem CPF e identidade ele tinha, e as autoridades foram muito claras quanto a isso. Quando começamos a ganhar dinheiro com as entrevistas, ele até conversou com a Polícia Federal e explicaram que ele não podia trabalhar, mas que se alguém quisesse dar dinheiro em troca das histórias dele, estava tudo bem. Essa era a única maneira que ele tinha de nos sustentar", explica o filho.

O documentário, portanto, surgiu da vontade que Mike tinha de contar a história de Ronald de forma verdadeira. "São tantos mitos que se fizeram — que meu pai era o cérebro do assalto, que era o chefe da máfia na Inglaterra, que ele atacou o maquinista, que ele chegou no Brasil milionário. São tantas histórias que a gente ouve e pensa: 'Não foi bem assim', relata. "Eu estava de saco cheio de ficar tentando combatê-las dizendo que meu pai não era esse mafioso todo. Ele foi só um cara que, por acaso, foi chamado para o roubo", defende o ex-Balão Mágico.

Sem saber como seria o dia de amanhã — se seria preso, deportado para Inglaterra ou até mesmo sequestrado novamente — Ronald vivia o hoje. Da adolescência, Mike lembra das festas que duravam dias promovidas dentro da própria casa, do problema do pai com álcool e das gastanças às custas do dinheiro que ganhou na época do Balão Mágico. O carioca admite que também gosta de aproveitar o presente, porém, sem a irresponsabilidade de deixar de lado o futuro.

> EX-INTEGRANTE DO BALÃO MÁGICO, MIKE BIGGS REVISITA A HISTÓRIA DO PAI, UM DOS EXECUTORES DO "ROUBO DO SÉCULO", EM DOCUMENTÁRIO DO UNIVERSAL+

"Acho que talvez essa seja a principal diferença entre mim e meu pai. Realmente, nós temos que viver a vida, porque ela tem data de validade e pode acabar amanhã. Mas, se eu não morrer amanhã, eu preciso ter um planejamento de como será minha realidade daqui a cinco anos. É meio contraditório, mas é interessante pensar em um futuro que não seja muito distante, porque as únicas garantias que eu tenho é que vou morrer, pagar imposto e que algum safado vai beijar minhas filhas. Então, está tudo certo", ri Mike.

A vida após Ronald

Em 2001, após sofrer dois derrames no Brasil, Ronald Biggs, que enfrentava dificuldades financeiras, decidiu retornar voluntariamente à terra natal para se entregar para as autoridades europeias e receber tratamento médico, aos 71 anos. Mike desembarcou em Londres no mesmo dia, abdicando da própria vida para cuidar da saúde do pai e lutar por sua libertação até 2013, quando o britânico morreu. "No dia em que ele se foi, eu urrava dentro do meu carro, mas também havia uma sensação de alívio. Ele não sofreria mais e eu ficaria em paz", lembra o carioca.

Dali em diante, Mike conta que pôde passar a dormir com o telefone desligado, hábito que havia perdido há anos. "Eu recebia ligações do presídio às 3h para falar que meu pai, mais uma vez, estava sendo levado para o hospital e que aquela poderia ser a última vez que eu o veria", narra. "Eu acho que todo mundo que passa por um período da vida com um ente querido doente, que já não consegue se comunicar e precisa de uma série de cuidados, acaba anulando um pouco da própria vida em prol disso. Quando você perde essa pessoa, há muita dor, mas também traz alívio, porque isso te dá novas possibilidades", detalha.

Para o carioca, a morte de Ronald abriu portas para que ele pudesse olhar para um outro lado da vida, resultando em uma reconexão com a mãe, que morou por muitos anos na Suíça. Hoje, os dois dividem uma casa no Maranhão. "A partida do meu pai foi algo que me destruiu e que, com certeza, eu não vou me recuperar, mas por outro lado também foi algo que me fez renascer de uma maneira que eu sei que ele gostaria de ver", assegura o artista. "É interessante olhar para minha vida agora, com 52 anos, e tirar o pé do acelerador um pouquinho. É hora de decidir o que o Mike quer fazer, e não o filho do Biggs", afirma.

O cantor brinca que, apesar de ter sido um processo difícil, fazer o documentário economizou anos de terapia a ele. "Eu pude olhar para a minha vida com um um olhar mais analítico. Não assisti a tudo de uma vez só, porque é realmente pesado, mas eu vejo como algo positivo e, por mais que eu possa passar essa imagem de idealização do meu pai, sou ciente dos erros dele e tento ser diferente", afirma. "Por mais que eu esteja sempre o colocando como ídolo, eu sei e sempre soube dos defeitos dele e, talvez, essas imperfeições foram o que me fizeram ser ainda mais apaixonado por ele", conclui o filho de Ronald.



Callanga/Divulgação

"As pessoas não sabem o quão dura a vida foi para gente antes do Balão Mágico"

Mike Biggs